

São Paulo, 04 de junho de 2009.

NOTA À IMPRENSA

Maioria das capitais tem alta no preço da cesta básica

Os preços dos produtos alimentícios essenciais voltaram a ter predominantemente aumento em maio, com alta em 15 das 17 capitais onde o DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica. As elevações mais expressivas foram registradas em Recife (8,57%), Natal (4,90%), Salvador (3,90%), Porto Alegre (3,67%) e Aracaju (3,08%). As duas retrações ocorreram no Rio de Janeiro (-0,71%) e Fortaleza (-0,51%).

Porto Alegre continuou a registrar o maior valor para a cesta básica: R\$ 243,43, sendo seguida por São Paulo (R\$ 227,36) e por Vitória (R\$ 225,45%). Apesar da alta, Aracaju se manteve como a cidade onde os gêneros essenciais têm menor custo, com R\$ 168,80. Fortaleza (R\$185,33) e João Pessoa (R\$ 189,00) vieram a seguir.

Com base no maior valor apurado para a cesta e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deveria suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente quanto deveria valer o salário mínimo necessário. Em maio, o valor do mínimo necessário voltou a subir, correspondendo a R\$ 2.045,06, ou seja, 4,40 vezes o piso em vigor, de R\$ 465,00. Em abril, o menor salário do país deveria ser de R\$ 1.972,64 (4,24 vezes o mínimo vigente), enquanto em maio de 2008, o valor necessário era R\$ 1.987,51 (4,79 vezes o piso de então, de R\$ 415,00).

Variações acumuladas

Entre janeiro e maio, 13 localidades registraram variação acumulada negativa para o custo da cesta básica. As maiores quedas ocorreram em Aracaju (-12,67%), Florianópolis (-10,40%), Curitiba (-7,87%) e Rio de Janeiro (-7,83%). Os aumentos foram apurados em Recife (4,46%), Salvador (2,89%), Goiânia (1,55%) e Belém (0,93%).

Nos últimos 12 meses, entre junho de 2008 e maio último, dez das 16 capitais nas quais a pesquisa já era então realizada apresentaram variação acumulada negativa e dentre aquelas onde houve alta, apenas em Salvador (12,83%) o aumento supera o reajuste de 12,05% concedido ao salário mínimo em fevereiro último. Goiânia também registra alta expressiva no período, de 11,12%. As outras quatro cidades onde o preço da cesta subiu tiveram variação inferior a 3,0%. As maiores retrações, em 12 meses, foram apuradas em Aracaju (-7,96%), Belo Horizonte (-6,27%), Fortaleza (-5,82%) e Florianópolis (-5,41%).

TABELA
Pesquisa Nacional da Cesta Básica
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil – maio 2009

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
Recife	8,57	191,79	44,83	90h 44min	4,46	-2,46
Natal	4,90	201,16	47,02	95h 10min	-5,47	-1,70
Salvador	3,90	198,63	46,43	93h 59min	2,89	12,83
Porto Alegre	3,67	243,43	56,90	115h 10min	-4,48	2,90
Aracaju	3,08	168,80	39,46	79h 52min	-12,67	-7,96
Vitória	2,79	225,45	52,70	106h 40min	-0,92	1,11
João Pessoa	2,71	189,00	44,18	89h 25min	-5,76	0,96
Florianópolis	1,93	214,18	50,07	101h 20min	-10,40	-5,41
Manaus	1,42	213,68	49,95	101h 06min	-5,38	(---)
São Paulo	0,77	227,36	53,15	107h 34min	-5,06	-2,80
Curitiba	0,76	211,33	49,40	99h 59min	-7,87	-4,26
Belo Horizonte	0,72	216,09	50,51	102h 14min	-6,15	-6,27
Goiânia	0,39	212,67	49,71	100h 37min	1,55	11,12
Belém	0,19	200,90	46,96	95h 03min	0,93	-2,66
Brasília	0,07	221,34	51,74	104h 43min	-6,27	1,72
Fortaleza	-0,51	185,33	43,32	87h 41min	-6,08	-5,82
Rio de Janeiro	-0,71	221,01	51,66	104h 34min	-7,83	-0,86

Fonte: DIEESE; Obs.: (---) Dado inexistente

Cesta x salário mínimo

O tempo de trabalho que o trabalhador que recebe salário mínimo teve que realizar para adquirir os bens que compõem a cesta básica subiu, na média das 17 capitais, em maio, chegando a 98 horas e 35 minutos, contra 96 horas e 42 minutos exigidas em abril. Há um ano, a jornada comprometida era maior e correspondia a 111 horas e 08 minutos.

Também quando se considera a relação entre o percentual do salário mínimo líquido - após o desconto equivalente à Previdência Social – comprometido com a mesma aquisição, verifica-se um comportamento semelhante. Em maio, a compra dos bens básicos exigia 48,71% do rendimento, enquanto em abril eram necessários 47,78% do mínimo líquido. Há um ano, na média das 16 localidades pesquisadas (Manaus ainda não estava incluída no levantamento), o comprometimento era de 54,91% dos ganhos líquidos do trabalhador.

Comportamento dos preços

A maioria dos produtos da cesta básica nacional teve redução de preço na maioria das capitais. O feijão e o arroz baratearam em 16 cidades.

O feijão caiu mais em Vitória (-13,45%), Aracaju (-12,70%), Florianópolis (-11,07%) e Rio de Janeiro (-10,35%). Em Salvador houve uma elevação de 0,74%. No período anual, o feijão apresentou forte queda, como em Fortaleza (-50,22%), Belém (-48,83%), São Paulo (-48,66%) e Aracaju (-47,00%). A menor queda ocorreu em Brasília (-13,40%).

No ano, o feijão barateou em todas as 16 capitais. A forte alta no ano passado foi causada pela menor produção e menor oferta. Já em 2009 houve excelente colheita e grande oferta, reduzindo substancialmente o preço do produto.

O arroz aumentou seu preço apenas em uma capital, Porto Alegre (1,08%). Em todas as demais cidades houve queda, as maiores encontradas em Florianópolis (-5,26%) e Salvador (-4,76%). Nos últimos 12 meses, seis regiões tiveram barateamento do preço, sendo que as maiores reduções foram apuradas em Belém (-14,53%), Goiânia (-13,30%) e Vitória (-8,29%).

Aracaju (16,22%), Recife (11,95%) e Salvador (9,92%) foram as capitais com aumentos mais significativos. Em Fortaleza os preços permaneceram estáveis. A dificuldade do escoamento da safra para o consumo tem provocado a queda de preço. Em algumas regiões atingidas por inundações (Norte e Nordeste) e seca (Sul) podem haver elevações nos preços destes produtos.

O pão barateou em 12 cidades, como no Rio de Janeiro (-5,51%) e Natal (-2,18%). Em Salvador não foi constatada alteração de preços e Aracaju (3,25%) e Manaus (2,01%) tiveram as maiores altas.

Nos últimos 12 meses foram observados tanto aumentos como quedas nos preços em oito capitais. As reduções mais expressivas foram em Fortaleza (-14,34%), Belo Horizonte (-10,60%) e Curitiba (-6,34%). As altas de preços foram verificadas em Goiânia (13,32%), Vitória (4,69%) e Porto Alegre (3,19%).

Houve aumento nas importações de trigo nos últimos meses, entretanto a Argentina está reduzindo a quantidade exportada do trigo em grão, o que poderá causar impacto no preço de seus derivados, principalmente no pão.

O café e o açúcar apresentaram igualmente redução em 10 capitais e elevação em outras sete. O preço do café caiu mais em Vitória (-2,81%) e Goiânia (-2,34%) e aumentou com maior intensidade em Salvador (3,08%), Florianópolis (1,63%) e Recife (1,43%). Em abril, as altas haviam ocorrido em dez capitais.

Na comparação com maio de 2008 (16 capitais), o café está mais caro hoje em dez regiões, especialmente em Goiânia (21,36%), Porto Alegre (11,07%) e Florianópolis (7,15%). As reduções mais significativas foram observadas nas três maiores capitais do Sudeste: São Paulo (-11,68%), Rio de Janeiro (-6,31%) e Belo Horizonte (-6,27%).

Já o açúcar teve a oferta aumentada desde abril, quando teve início o corte da cana, especialmente em São Paulo. As principais quedas de preços foram observadas no Rio de Janeiro (-4,82%), Belo Horizonte (-3,82%) e Goiânia (-3,68%). Em Brasília (12,50%), Recife (9,09%) e João Pessoa (7,69%) o aumento foi expressivo.

Nos últimos doze meses o açúcar está mais caro em 15 capitais, com altas extraordinárias em Goiânia (77,03%), Belém (54,62%) e Fortaleza (52,00%); enquanto

Vitória (4,65%) e Recife (9,92%) apresentaram as menores altas; e em Belo Horizonte (-8,70%), houve um barateamento.

Alguns produtos encareceram em maior número de capitais. A carne subiu em 11 cidades, como em Vitória (5,41%), Recife (4,27%) e Florianópolis (3,36%). Nas demais capitais a alta foi inferior a 1%. As quedas no preço da carne foram pequenas. Apenas em Natal (-1,40%) a taxa ultrapassou a variação negativa de -1%.

No período de um ano, em 14 regiões houve aumentos significativos no preço da carne. João Pessoa (21,36%), Goiânia (16,90%), Recife (15,69%) e Rio de Janeiro (15,04%) apresentaram os maiores crescimentos de preços. As duas reduções de preços foram observadas em Aracaju (-2,37%) e Florianópolis (-1,30%).

Até o surgimento da crise financeira, o país exportava bastante carne, com preços competitivos e mais baratos internamente. Mas após a crise econômica mundial, os financiamentos e os créditos foram drasticamente reduzidos e muitos países diminuíram as importações. Com o início do inverno, quando as pastagens enfrentam seca, há possibilidade de aumento no preço do produto.

O leite aumentou em 13 cidades, como em Porto Alegre (18,90%), Vitória (14,42%), Belo Horizonte (12,77%), Curitiba (11,33%) e Rio de Janeiro (10,47%). As reduções ocorreram em três capitais, Fortaleza (-2,83%), Natal (-2,20%) e Aracaju (-0,63%). Na capital federal, o preço do leite não se alterou.

Comparado a maio do ano passado, o preço do leite aumentou em 15 cidades, com queda apenas em Brasília (-12,31%). Altas expressivas foram observadas em Recife (48,05%), Vitória (47,76%) e Porto Alegre (32,78%). As alterações efetuadas nos últimos doze meses, com a coleta também do leite longa vida (dada a escassez do leite tipo C), explicam em parte a elevação no preço do leite, mas tem havido forte pressão dos criadores de gado leiteiro para aumentos no preço do produto, o que também causou impacto.

O preço do tomate subiu em dez cidades, em sete delas acima de 12%. Os maiores aumentos foram em Natal (53,89%) e Recife (53,80%). Dentre as sete cidades onde houve redução estão Goiânia (-10,57%) e Brasília (-10,55%).

Contudo, o tomate agora está mais barato que em igual mês do ano passado em 15 capitais. As quedas mais significativas ocorreram em Vitória (-42,40%), Florianópolis

(-37,35%), Rio de Janeiro (-34,06%) e Curitiba (-30,80%). Em movimento oposto aparece apenas Salvador, com alta de 37,82%, cidade bastante afetada por fortes chuvas. O clima sempre influi no preço do tomate, seja no cultivo ou no escoamento, para os consumidores.

São Paulo

A capital paulista apresentou em maio, um pequeno aumento (0,77%) no custo da cesta básica e seu custo chegou, assim, a R\$ 227,36, mantendo-se como a capital com a cesta com o segundo maior valor, dentre as 17 acompanhadas pelo DIEESE. Entre janeiro e maio, o custo da cesta caiu 5,06%, e também na comparação anual a taxa é negativa, de -2,80%.

Em maio, oito dos 13 itens cujos preços são pesquisados apresentaram retração no mês: feijão carioca (-6,94%); arroz agulhinha tipo 1 (-3,88%), tomate (-3,60%), banana nanica (-2,47%), açúcar refinado (-2,05%), óleo de soja (-1,69%), café em pó (-0,76%) e pão francês (-0,33%). As altas ocorreram nos preços da batata (14,29%) – que manteve o comportamento altista do mês anterior – do leite integral (8,91%), manteiga (4,66%) e carne bovina de primeira (0,82%). O preço da farinha de trigo manteve-se estabilizado.

A queda no custo da cesta básica na comparação com maio de 2008 também foi resultado da queda no preço de oito produtos: feijão (-48,66%); óleo de soja (-28,53%); farinha de trigo (-17,80%), banana (-15,92%), café (-11,68%), manteiga (-8,57%), tomate (-8,53%) e pão francês (-5,06%). A batata registrou o maior aumento (41,44%), seguido pelo açúcar (31,19%), leite (17,61%), carne bovina (11,00%) e arroz (2,06%).

Em maio, o trabalhador paulistano que recebe salário mínimo precisou cumprir uma jornada de 107 horas e 34 minutos, pouca coisa acima da de abril (106 horas e 45 minutos). Quando a comparação é feita com maio de 2008, a jornada atual é bem menor, pois naquele mês correspondia a 124 horas.

A mesma comparação pode ser feita quando se considera o valor do salário mínimo líquido – após o desconto da parcela referente à Previdência Social. Em maio, o custo da cesta representava 53,15% do piso líquido, enquanto em abril o comprometimento era de 52,74%. Em maio de 2008 a mesma aquisição exigia 61,27% do valor recebido.